



VOLUME – V. 4

NÚMERO – N. 1

JUN. – 2026

ISSN: 2966-1439

P. 182-193

SACO DE SURPRESAS:

REVISTA LITERÁRIA CEARENSE NOS ANOS 1970

'O SACO' OF SURPRISES: A BRAZILIAN LITERARY MAGAZINE FROM CEARÁ STATE
IN THE 1970s

Wagner Coriolano de Abreu.¹

RESUMO: O artigo apresenta uma releitura crítica da revista *O Saco*, publicada na década de 1970, sob a perspectiva do conceito de mal de arquivo, de Jacques Derrida. Retoma o estudo do periódico pela ideia de revista literária como arquivo de literatura e crítica, apontando as relações da revista com a história, a cultura e as artes visuais e gráficas. *O Saco*, como pequena revista no contexto do jornalismo literário dos anos 1970, desenvolve a ideia de um veículo para a chegada de novas propostas e escritores, explorando depoimentos e registros em catálogos e enciclopédia. Do estudo da edição impressa, resulta o destaque dos novos escritores e dos artistas visuais com reprodução de gravuras. A releitura abre outra vereda para o estudo em livro da revista *O Saco*.

Palavras-chaves: Revista *O Saco*. Arquivo Literário. Artes Visuais.

ABSTRACT: This article presents a critical reinterpretation of the magazine *O Saco*, published in the 1970s, from the perspective of Jacques Derrida's concept of archive fever. It revisits the study of the periodical through the idea of a literary magazine as an archive of literature and criticism, highlighting the magazine's relationships with history, culture, and the visual and graphic arts. *O Saco* is examined as a small magazine within the context of 1970s literary journalism. The article develops the idea of it as a vehicle for the arrival of new proposals and writers, exploring testimonies and records in catalogs and encyclopedias. The

¹ Doutor em Letras (PUCRS). Realiza o estágio pós-doutoral no Programa Pós-Crítica (UNEB). Email: coriolano3@gmail.com

study of the printed edition highlights new writers and visual artists through the reproduction of engravings.

Keywords: *O Saco* Magazine. Literary Archive. Visual Arts.

A revista impressa *O Saco* (1976-1977) foi denominada neste artigo como revista literária cearense, embora o periódico tenha publicado escritores de outros estados brasileiros e de outros países, e circulado em âmbito nacional. A partir do quinto volume, na capa aparece o nome *O Saco* – em letras de traço alto com serifas – seguido da expressão “uma revista nordestina de cultura”. A *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, editada no final dos anos 1980, registra um verbete com a descrição básica deste impresso, que circulou nos anos 1970, com sede no Ceará:

O SACO – Revista cearense de cultura, Fortaleza - CE, mar. 1976 – abr. 1977. Envelope-saco contendo módulos avulsos: poesia, prosa, imagem e ensaio. Bimestral, 7 números. Dir.: Manuel Coelho Raposo, Carlos Emílio Barreto Correia Lima, José Coelho Sampaio e Nilto Fernandes Maciel (Coutinho; Sousa, 1989, p. 1194).

A enciclopédia inscreve a revista no campo literário, dando uma informação lexicográfica que envolve os termos poesia e prosa. Para o publicitário e escritor Nilto Maciel, um dos fundadores da publicação, a revista “[...] *O Saco* não surgiu por acaso. A ideia de uma revista literária apareceu muito antes de 1976. Queríamos publicar nossas obras. Onde iríamos editá-las? Para as editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo não existíamos” (Maciel, 2013, p. 130).

A ideia da revista *O Saco* como arquivo me aproxima de uma pergunta de Jacques Derrida, no livro *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, enunciada nos seguintes termos:

não devemos começar distinguindo o arquivo daquilo a que o reduzimos frequentemente, em especial a experiência da memória e o retorno à origem, mas também o arcaico e o arqueológico, a lembrança ou a escavação, em suma, a busca do tempo perdido? (Derrida, 2001, p. 7-8).

A citação do texto do filósofo franco-argelino Jacques Derrida se refere a uma distinção entre o sentido tradicional de arquivo como reserva “[...] de natureza física, relativo a começo e que remete ao lugar, ao suporte de arquivo [...]” (Marques, 2015, p. 197) e o sentido da lei (*nomos*), relativo ao comando, quando uma ordem é estabelecida. Desse modo, se refere à forma como o arquivo se

ordena, o que revela uma intencionalidade. Derrida lembra que “Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior” (Derrida, 2001, p. 22). Seguindo os passos do filósofo, na ideia de “mal de arquivo”, Reinaldo Marques observa que “[...] é pela ação de leitores usuários do arquivo literário que se torna evidente o caráter instável dos textos nele recolhidos, mesmo quando se mostram estabilizados, naturais em seu meio [...]” (Marques, 2015, p. 39).

A perspectiva apontada pelo texto de Derrida mostra que o arquivo guarda a memória, mas também a esquece. E com isso, torna impossível o trabalho de exumação, pois só é possível exumar o que está morto. Da dialética entre memória e esquecimento no âmago do arquivo, decorre um sofrimento que está no cerne do mal de arquivo.

Esta pesquisa tem por base a consulta a uma coleção da revista impressa *O Saco*, que se constitui como arquivo à medida que guarda documentos – escritos discursivos e imagens das artes visuais, através da reprodução gráfica de gravuras. Tomada por esta perspectiva, a revista foi uma intervenção político-cultural e estabeleceu relações do grupo fundador com escritores do grupo Clã e outros escritores e escritoras fora deste grupo, ou em outro grupo literário.

Antecedido pelos estudos de Barbalho, publicados no formato livro, nos quais o autor realiza uma contextualização da revista bimestral e trata primeiro da poesia que nela se publicou (Barbalho, 1994) e, em seguida, a coloca sob o guarda-chuva da imprensa alternativa (Barbalho, 2000), procuro nas páginas da edição impressa de *O Saco* aquilo que fica fora do arquivo, deixando certamente um sem número de possibilidades escapar. Derrida, ao retomar a genealogia do arquivo, aponta o seu poder ou princípio arcôntico, que é um princípio de consignação, isto é, de reunião.

O que temos na edição em papel do envelope-saco, quando se encontra a edição, é um conjunto de demarcações que a entrada no arquivo modifica, para recolocar outros limites. No périplo por encontrar *O Saco*, passei pelo contato com a direção da Biblioteca Estadual do Ceará – BECE e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - IHGRS. Pude folhear a coleção de *O Saco* no IHGRS, envelopes que foram recentemente ali depositados por uma doação do

escritor, crítico e professor Antônio Hohlfeldt, junto a outros documentos de jornalismo impresso.

A materialidade da revista *O Saco* não se completa partindo do abrigo de um arquivo público, talvez seja possível completá-la a partir de um arquivo ainda não encontrado. Nos dois arquivos consultados, a coleção está incompleta. Pela retrospectiva do escritor e editor Nilto Maciel, ficamos sabendo que “o primeiro número de *O Saco* é de abril de 1976, com quatro cadernos e 32 páginas” (Maciel, 2013, p. 133). Maciel, a páginas tantas, retoma o momento do lançamento da revista, para informar que “o primeiro número teve distribuição precária, houve encalhe” (Maciel, 2013, p. 135). Após o último número publicado, em fevereiro de 1977, a revista deixou de circular. Maciel ainda acrescenta: “[...] Anos depois, Raposo mandou imprimir o número oito, por sua conta e risco, sem a participação dos outros fundadores da revista” (Maciel, 2013, p. 133).

Na pesquisa de Barbalho (2000), encontro a nota sobre a redação dos editoriais da revista. A maioria é de autoria de José Coelho Sampaio, nome conforme o verbete “O Saco”, que adiante aparece com o nome acrescido de Jackson, no verbete “Jackson Sampaio” (Coutinho; Sousa, 1989, p. 1199). Na entrada deste verbete, o nome e sobrenome aparecem com a forma como o escritor ficará conhecido. Entretanto, no corpo do verbete, estes nomes somem por trás da abreviação: “SAMPAIO, Jackson (José J. Coelho S., Sobral, CE, 12 out. 1950), contista, poeta, crítico, ensaísta, dipl. Medicina, psiquiatra, professor, membro do Movimento Siriará de Literatura” (Coutinho; Sousa, 1989, p. 1199). Barbalho informa que “os editoriais dos números 01, 03, 04 e 05 foram escritos por Jackson Sampaio, depois de discutidos entre os quatro organizadores, de modo que refletissem o pensamento do grupo” (Barbalho, 2000, p. 42).

Tomo o caminho do editorial de *O Saco* N. 3, para tirar dele uma invenção, que é a maneira de alterar a descrição, de modificar o moto-contínuo dado pelo mal do arquivo, ou seja, pela pulsão de morte. Busco desvelar o que ainda se encontra encoberto dentro do arquivo, à espera de abrir a página do que pode ser lido e que talvez altere o conhecimento até então dado. Neste editorial de N. 3, Jackson Sampaio enumera os seguintes objetivos:

Aumentar os mercados de trabalho e de consumo para o artista, principalmente o escritor, pois uma revista é, primordialmente, um veículo literário; estimular o surgimento de novos escritores (...); desequilibrar o colonialismo intelectual interno: estes foram os desejos que geraram a Editora Opção e a *Revista O Saco* (*O Saco*, n. 3, jul. 1976, 4^o Caderno, p. 1).

Se tomo a vereda de pensar a revista literária numa linha de tempo, a encontro preocupada em ser um veículo para a chegada de novas propostas e autores. De acordo com Patiño, em estudo da revista literária e cultural argentina nos anos 1980, “[...] não há como explorar um imaginário moderno sem recorrer às ‘antenas’ do novo [...]” (Patiño, 2006, p. 715). Todavia, desde o mapeamento das pequenas revistas literárias, com o ensaio de Trilling (1965) e o pequeno livro de Whittemore (1965), sabemos que elas “enfrentam dificuldades para manter os caminhos abertos e para manter vivos os novos talentos até que editores comerciais os publiquem” (Camargo, 2013, p. 7). Não foi diferente com *O Saco*, que teve à frente um grupo de editores poetas, numa prática coletiva exitosa, em seu papel de resistência ao conformismo, mas malsucedida na sua longevidade.

É interessante examinar a diferença entre as expressões “revista literária” e “revista de jornalismo literário”, que tem a ver com a divulgação da literatura por meio dos cadernos culturais nos jornais. Ao escrever sobre revistas de poesia, Fábio Cavalcante Andrade suplementa o estudo com o ensaio intitulado “Revistas literárias” (Andrade, 2008, p. 289). Esta observação sobre revista literária o coloca na mesma direção do que se enunciou anteriormente, de que este veículo literário visa o surgimento de novos escritores.

As revistas literárias sempre foram um fenômeno fundamental de proliferação das novas propostas, de renovação da imaginação literária. Veja-se a importância que tiveram entre nós desde a revista *Niterói*, tendo à sua frente a figura agregadora de Gonçalves de Magalhães, agitador do romantismo brasileiro, até a *Revista de Antropofagia*, do modernismo experimentalista de Oswald de Andrade (Andrade, 2008, p. 289).

Todavia, ao percorrer com os olhos o periódico, examinando os números encontrados de *O Saco*, não se apresenta de modo tão evidente que se trata de uma revista literária, pelo fato de reunir trabalhos visuais e de crítica cultural, em meio a obras literárias e ensaios literários. Penso que Andrade procura equacionar este

dilema, ao propor a distinção entre revista literária e revista de jornalismo literário.

As revistas literárias são editadas geralmente por poetas e se enquadram dentro do perfil descrito por Paz, nascem da insatisfação e da necessidade de troca e aprimoramento, de renovação e maturidade. As de jornalismo literário são revistas oficiais, endereçadas por alguma editora a um público mais amplo e com tiragens bem maiores, sua razão de existir é uma parcela, mesmo que mínima (em relação ao público leitor em geral), do mercado (Andrade, 2008, p. 290).

A descrição dada por este autor, marcada por um trânsito em arquivo de revistas de poesia, se alinha com a noção de arquivo de Derrida, deixando a entrever que “os limites, as fronteiras e as distinções terão sido sacudidos por um sismo que não poupa nenhum conceito classificatório e nenhuma organização de arquivo” (Derrida, 2001, p. 15). A distinção entre “revista literária” e “revista de jornalismo literário” salienta uma característica de *O Saco*, cuja proposta se formulou como veículo literário, mas no projeto editorial incluiu a arte visual e a crítica cultural.

Sobre a criação de uma editora para publicar o envelope-saco, Maciel informa que foi uma exigência legal a constituição da empresa “[...] Opção Editora Promoções e Publicidade Ltda., da qual faziam parte as quatro pessoas há pouco mencionadas [...]”, ou seja, os editores (Maciel, 2013, p. 133). E acrescenta uma pequena página da história do evento: “Para criarmos a revista, precisamos fundar uma editora comercial. Entretanto, sua única função foi esta. Nunca editou livros. A sede funcionava numa sala alugada no centro de Fortaleza” (Maciel, 2013, p. 133).

Muitos jornais do país noticiaram o surgimento de *O Saco*, jornais da imprensa alternativa, jornais estaduais e jornais da grande imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo. Parte deles anunciaram na revista. A edição de *O Saco* n. 2 reproduz a nota de Alberto Dines para a *Folha de São Paulo*, em 25 de abril de 1976, por ocasião da estreia da revista:

O Saco é uma publicação mensal cujo primeiro número acaba de sair. Editada e impressa em Fortaleza - CE. Vem dentro de um envelope grande que funciona como capa, contendo 4 cadernos - Prosa, Verso, Imagem e Anexo. É fruto do trabalho de quatro escritores dispostos a abrir mercado para intelectuais que vivem longe dos grandes centros. O resultado é esplêndido: os textos são de

altíssimo nível, sem o simplismo da “nova” literatura e a confusão dos “estetas”. A poesia é plena de emoção. Os desenhos e os cartoons, de categoria. Este país é um saco de surpresas: o que está acontecendo por aí afora está muito além do que se reflete nos jornais (Dines, *O Saco*, n. 2, caderno 4, p. 11).

Com a expressão “mal de arquivo”, Derrida propõe escapar das descrições e inventar outros modos de entender a “subjetivação do objeto” (Bordini, 2020, p. 104). E a tentativa de escapar das descrições inicialmente levou a uma revisão da postura de arquivista, que organiza, classifica e controla o arquivo. O arquivo da revista *O Saco* guarda escritores do grupo e revista *Clã*, como os veteranos Moreira Campos (n. 3), Fran Martins (n. 4 e n. 5), Antônio Girão Barroso e Antônio Papi Júnior (n. 7), nomes apontados em levantamento inicial, longe de ser exaustivo. Também se encontram guardados nos envelopes-saco os escritores Francisco Carvalho (n. 2), Barros Pinho, Horácio Dídimo (n. 3), Heloneida Studart e Roberto Pontes (n. 5), que aparecem fora do grupo *Clã*. Entre estes, os escritores Barros Pinho, Horácio Dídimo e Roberto Pontes integraram o grupo Sin (de Sincretismo), nos anos 1960.

Antônio Girão Barroso, no volume n. 6 de *O Saco*, apresenta uma retrospectiva da revista *Clã*, ou como se dizia, *Clan*, por força da ortografia do momento, em texto intitulado “Esse tal de grupo *Clã*” (*O Saco*, n. 6, 4º Caderno, p. 2). Recua no tempo, me levando a pensar o problema da edição, a inteira complexidade da publicação, a fronteira entre o escritor novo e o escritor veterano, experiente com obra em livro. Nesse recuo, Barroso anota que “[...] o primeiro lançamento das Edições *Clã* foi, na verdade, uma plaqueta – ‘Três discursos’, de Eduardo Campos, Mário Sobreira de Andrade e AGB, publicada em 1943” (*O Saco*, n. 6, 4º Caderno, p. 2), na qual ele aparece como participante, na sigla com as iniciais de seu nome. O nome *Clã* está consignado em verbete da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*:

CLÃ (Grupo e rev.). Nome que resume um grupo de intelectuais de Fortaleza (CE), a princípio designando uma pequena editora, criada depois do I Congresso de Poesia do Ceará, em 1942, e, mais tarde, em 1946, após o I Congresso Cearense de Escritores, foi lançado o n. 0 (zero) da revista *Clã*, tendo à frente Antônio Girão Barroso, Aluísio Medeiros e João Clímaco Bezerra. O n. 1 saiu sob a direção de Fran Martins, em fev. de 1948, depois do II Congresso de Poesia do Ceará (Coutinho; Sousa, 1989, p. 436).

A revista Clã teve longa duração, antecedendo e ultrapassando a existência da revista *O Saco*, cujo formato era um envelope tamanho ofício. Nilto Maciel afirma que o nome *O Saco* tinha um sentido amplo ou senso de amplitude, mas não uma orientação de grupo: “Nossa pretensão era uma só: editar uma revista” (Maciel, 2013, p. 134). E estimular o surgimento de novos escritores. Em seu módulo “Da vanguarda a ditadura: literatura em encruzilhadas”, do Curso de Literatura Cearense, as professoras Fernanda Diniz e Kedma Damasceno abonam o objetivo da revista, no seguinte enunciado: “[...] Alguns dos nossos escritores estreariam n’*O Saco*, como o cronista Airton Monte, por exemplo, que apenas em 1979 lançaria seu primeiro livro de contos: *O grande pânico*” (Diniz; Damasceno, 2019, p. 142). Em setembro de 1976, Airton Monte publicou as duas páginas de “Um velho ao telescópio”, no Caderno Prosa de *O Saco* n. 4.

O trabalho de apontar os novos levou a uma revisão do arquivo como guarda e controle da literatura. De certo modo, o novo estava numa fronteira, fora do arquivo, numa posição pendular, prestes a se inscrever na revista literária e ocupar um lugar de objeto consignado no papel ou no arquivo digital, ainda assim, numa continuidade e perpetuidade. Os quatro fundadores, entre eles um livreiro, viram na revista *O Saco* uma possibilidade de tornar o escrito regular, ou seja, “o que tem as qualidades de estabilidade, unicidade do nome, integridade do conteúdo e adequação entre conteúdo e nome” (Del Pino, 2010, p. 374). No editorial de *O Saco* n. 1, conforme transcreve Barbalho (2000), Jackson Sampaio relata os objetivos da equipe, destacando que

Do ciclo criação, publicação e distribuição somente a primeira etapa é de controle do artista, a partir dela o material criado se aliena do criador (...). Assim, a atividade de pesquisa e o silêncio criador são paulatinamente substituídos pelo stress nos corredores das editoras, obrigatoriamente firmas cuja sobrevivência é o lucro, cuja lei reguladora é a da oferta e procura (...). E os artistas tornam-se, pouco a pouco, a coisa menos importante no lucrativo mecanismo do comércio cultural (Barbalho, 2000, p. 41).

Penso que o artista, a que se refere o editorial, compreende o conjunto dos artistas da palavra e das artes visuais, que naquele momento davam os primeiros passos e estavam prestes a serem lidos ou vistos fora das fronteiras da cultura

nordestina. Os primeiros números circularam fora do Ceará por meio da remessa do envelope-saco a jornais e revistas de algumas regiões do país, conforme indicam as cartas de leitor vindas de Salvador, São Luiz do Maranhão e São Paulo, publicadas em *O Saco* n. 2. Já neste editorial do segundo número se lê que a revista pretendia “[...] difundir a cultura não apenas no Ceará, mas igualmente em todo o país [...]”, numa circulação nacional (*O Saco* n. 2, 4º Caderno, p. 11-14). Entretanto, a circulação nacional acontece apenas a partir do n. 3, quando a revista passa a ser distribuída pela Superbancas, que a faz circular nas grandes cidades do Brasil (Maciel, 2013, p. 136).

Dos artistas da palavra e das artes visuais que deram os primeiros passos na revista *O Saco*, destaco o nome do escritor Floriano Martins (1957), com poemas publicados em *O Saco* n. 2, em página diagramada e ilustrada com gravura de Siegbert Franklin e chamo atenção para os artistas visuais que ilustraram as capas da revista. Sobre os poemas de Martins, eles fazem parte da plaqueta *Composição* (1976). Em correspondência recente com o escritor, ele informa que “na mesma época em que publiquei aqueles poemas em *O Saco* eu publiquei um livro chamado *Composição*, de onde são os poemas”.

As capas ilustradas estampam, em letras de traço alto com serifas, o nome *O Saco* e a reprodução de gravuras de artistas do Ceará e um artista da Bahia. Desde o nome, com “[...] traços que finalizam as hastes de algumas letras, atravessando-as nas extremidades em que não fazem ligação [...]” (Erbolato, 1981, p. 163), até o desenho e técnica de cada artista, o envelope-saco encanta a quem o encontra. As gravuras da capa foram assinadas por Ricardo Augusto Rocha Pinto, com “O delinquente” (*O Saco*, n. 2), Calasans Neto (*O Saco*, n. 3), Raimundo Garcia de Araújo – Garcia, com “Festa de São Lázaro” (*O Saco*, n. 4), Hermínio Macedo Castelo Branco - Mino (*O Saco*, n. 5), Aldemir Martins (*O Saco*, n. 6) e Laura Heloisa Moraes da Silva, com “Homem da década de 70” (*O Saco*, n. 7). Destes artistas, Ricardo Augusto, Garcia e Aldemir Martins fizeram uma trajetória pelo Salão de Abril, nos anos 1970, tradicional e importante mostra de arte contemporânea em Fortaleza.

O que se vê na revista *O Saco*, no arranjo da palavra com a arte visual, aponta para uma reflexão acerca de como as experimentações e montagens entre imagem e escritura podem produzir gestos que entrelaçam a estética e a política.

Diante da revista, impressa e roída parcialmente pelas traças, sobressai a riqueza das gravuras nas capas e, dentro da revista, a riqueza das ilustrações. Outras gravuras no Caderno Imagem e inúmeros procedimentos gráficos, que despertam a sensibilidade de um leitor, atestam o caráter artístico da revista, “[...] uma certa estetização da visualidade das páginas, tirando partido das novas técnicas de edição [...]” (Camargo, 2013, p.13). A revista não vinha encadernada, colada ou grampeada, pois suas folhas eram arrumadas em quatro encartes, conforme observam Fernanda Diniz e Kedma Damasceno. Os encartes Prosa, Verso, Imagens e o Anexo – com entrevistas, críticas literárias, reflexões e matérias jornalísticas – “[...] vinham quase soltos num envelope de papel que era pendurado nas bancas de revista [...]” (Diniz; Damasceno, 2019, p.142).

Após a plaqueta de 1976, Martins se muda do Ceará para São Paulo por um tempo, onde atua como tradutor e entrevistador. Em relação ao período, ele refere a uma multiplicidade do ser que começava a aflorar. Na entrevista concedida a Maria Estela Guedes, demarca esta condição ao afirmar que “[...] fui aprendiz de percussionista, entrevistador, editor, agitador e poeta, tudo antes dos 18 anos [...]” (Guedes, 22 mar. 2021). Depois dos 20 anos, surgem os primeiros livros e, por duas décadas, mantém uma produção contínua. Em 1999, Martins cria a *Agulha Revista de Cultura*, revista digital, de circulação pela internet. Como editor da revista, cuja proposta de unir a literatura com as artes visuais lembra a revista *O Saco*, se apresenta com a multiplicidade ampliada, registrando que trabalha com fotografia, colagem e design, tendo realizado exposições e capas de livros (Martins, 10 jun. 2026).

Considerando os achados desta pesquisa, em suma, a ideia de ultrapassar as demarcações do arconte, de mexer na consignação do arquivo *O Saco*, tendo em vista a invenção de outro modo de entender a subjetivação do objeto, o estudo consegue mostrar a revista *O Saco* como um arquivo de crítica e da literatura. Acerca do arquivo literário, Reinaldo Marques lembra que o estudioso de arquivo, seja qual for sua formação, faz perguntas ou interrogações incontornáveis. Para Bordini e Moraes, “[...] essas perguntas, que recusam respostas imediatas, categóricas ou superficiais, fazem eclodir postulados teóricos e hermenêuticos, percepções ideológicas e encaminhamentos tecnológicos, que tramam

controvérsias [...]” (Bordini; Moraes, 2022, p. 6). A abertura do envelope-saco expôs inúmeras possibilidades de reinventar a revista, entre outras, a de explorar sua relação com a arte contemporânea, o que em parte aconteceu com o mapeamento dos artistas que assinam as capas da revista. Entretanto, nos números da coleção do IHGRS, se encontram diversos trabalhos assinados, no Caderno Imagem, dando amplitude ao espaço concedido para a arte visual, em meio aos textos poéticos e críticos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fábio Cavalcante. Revistas literárias. In: _____. *A transparência impossível: lírica e hermetismo na poesia brasileira atual*. Recife: O Autor, 2008.

BARBALHO, Alexandre. *Todas são ideias de um mesmo saco*. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1994.

BARBALHO, Alexandre. *Cultura e imprensa alternativa: a revista de cultura O Saco*. Fortaleza: UECE, 2000.

BORDINI, Maria da Glória. A imprensa nos acervos literários: memória do cotidiano. In: ____ BORDINI, M. da G. *Matérias de memória*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.

BORDINI, Maria da Glória; MORAES, Marcos Antonio de. Arquivo das memórias, memória dos arquivos. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, n. 46, p. 5-8, jan./abr., 2022. DOI: <<https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446mbmm>>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rblc/a/pG3Db7vndWYJSR4tDSBfjK/?lang=pt>>. Acesso em 14 ago. 2026.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Por que ainda lemos revistas de poesia? *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis, v. 13, n. 20, 5-14, 2013. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-784X.2013v13n20p5>>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2013v13n20p5/27566>>. Acesso em: 14 ago. 2026.

COUTINHO, A.; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira/Oficina Literária Afrânio Coutinho*. Rio de Janeiro: FAE, 1989. 2 Volumes.

DEL PINO, Dino. *Escrita, leitura e inclusão digital*. Porto Alegre: AGE, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DINES, Alberto. Carta do leitor. Revista *O Saco*, n. 2, Caderno 4, p. 11, junho 1976.

DINIZ, Fernanda; DAMASCENO, Kedma. *Da vanguarda a ditadura: literatura em encruzilhadas*. Curso de literatura cearense. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha e Universidade Aberta do Nordeste, 2019.

ERBOLATO, Mário L. *Jornalismo gráfico: técnicas de produção*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

GUEDES, Maria Estela. Tributo devido a Floriano Martins. Revista *Acrobata*, Teresina, 22 mar. 2021. Disponível em: <<https://revistaacrobata.com.br/florianomartin/entrevista/tributo-devido-a-floriano-martins/>>. Acesso em 06 de jul. 2026.

MACIEL, Nilto. *Quintal dos dias*. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2013.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

MARTINS, Floriano. *Agulha Revista de Cultura* # 265, junho 2026. Disponível em: <<https://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2026/06/agulha-revista-de-cultura-265-junho-de.html>>. Acesso em 06 de jul. 2026.

O SACO. Fortaleza, Opção Editora, n. 2, junho 1976, IHGRS.

O SACO. Fortaleza, Opção Editora, n. 3, julho 1976, IHGRS.

O SACO. Fortaleza, Opção Editora, n. 6, dezembro 1976, IHGRS.

PATÍÑO, Roxana. Revistas literárias y culturales argentinas de los 80. *Ínsula*, Madri, n. 715-716, julio/agosto 2006. Disponível em: <https://www.insula.es/sites/default/files/articulos_muestra/INSULA%20715-716.htm>. Acesso em: 14 ago. 2026.

SALÃO DE ABRIL, década de 1970, Fortaleza, CE. Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza. Disponível em: <<https://www.salaodeabril.com.br/docs/mapeamento-artista-obras-decada/4-mapeamento-artista-obras-decada-1970.pdf>>. Acesso em 05 abr. 2026.

TRILLING, Lionel. *Literatura e sociedade*. Trad. De Rubem Rocha Filho. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

WHITTEMORE, Reed. *Pequenas revistas*. Trad. Anna Maria Martins. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

Recebido em: 08/05/2026

Aprovado em: 06/07/2026